

Autor: Alessandra da Silva Carrijo

Coautores: Evandson Paiva Ferreira

Almiro Schulz

Instituição: Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação/UFG

Título: A metodologia de ensino da filosofia em escolas públicas de Goiânia: o debate sobre o que é a Filosofia e seu lugar no Ensino Médio

Email: evandson@ufg.br

Resumo simples

O objetivo deste trabalho é apresentar alguns dos resultados obtidos com o desenvolvimento da pesquisa denominada “As condições de Ensino da Filosofia na rede estadual de Goiás”, que vem sendo realizada pelo *Kalos – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Ensino da Filosofia* do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação/Cepae em parceria com a Faculdade de Filosofia/Fafil, da Universidade Federal de Goiás, desde 2008. Esta pesquisa tem como finalidades básicas: a) fazer um levantamento bibliográfico do estado da arte da produção acadêmica sobre ‘ensino de filosofia’ em nível *Stricto Sensu*, no período de 1997 a 2007, ou seja, após a promulgação da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB nº 9.394/96); e b) investigar e analisar *in locus* as condições da presença da filosofia hoje no ensino médio na rede estadual de Goiás, no município de Goiânia. Nesta ocasião, apresenta-se uma análise crítica dos resultados encontrados na segunda etapa de investigação, ou seja, com a aplicação dos questionários nas escolas, que ocorreu no ano de 2009. A referida análise diz respeito à metodologia de ensino utilizada pelos professores, na opinião de alunos e próprios professores de escolas das regiões central e leste de Goiânia. A mesma nos permitiu constatar a dificuldade dos professores em superar o método tradicional de ensino, “muito provavelmente aprendido na graduação (por meio inclusive dos exemplos dos professores)” (SILVEIRA, p. 155, 2005), bem como apontou para a necessidade de uma discussão mais aprofundada sobre as especificidades do ensino da Filosofia no nível médio dentro e fora do espaço escolar. Verificou-se ainda necessidade de se “(...) criar espaços de reflexão em relação ao ensino de filosofia, a fim de constatar as deficiências com relação a essa disciplina e discutir a identidade dessa na escola básica, criando alternativas para o seu ensino” (RIBAS, MELLER E GONÇALVES, 2004, p. 180). Pois somente dessa maneira será possível contribuir para a consolidação dela, enquanto disciplina, na educação básica para que dessa forma a presença da Filosofia no ensino médio não resulte inócua e inexpressiva na formação dos educandos deste nível de ensino (ALVES, 2002).

Palavras-chave: Ensino de Filosofia, Metodologia, Escola Pública, Goiânia.

Resumo Expandido

Introdução

Nesta ocasião, apresenta-se o resultado de uma das questões do projeto “As condições de Ensino da Filosofia na rede Estadual de Goiás”, (Protocolo Coep/UFG 134/2008; Cadastro SAPP/UFG 33.208), que vem sendo desenvolvido desde o segundo semestre de 2008, no *Kalos – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Ensino da Filosofia*. Nos ocupamos com o objeto da parte empírica, sobre a metodologia do ensino usada pelos professores, na opinião de alunos e próprios professores de escolas da região central e leste de Goiânia.

Método

Para os fins deste trabalho foram utilizados apenas os resultados obtidos com as questões relativas à Metodologia, sob o ponto de vista de alunos e professores. Os alunos pesquisados frequentam as três séries do Ensino Médio – 1ºs, 2ºs e 3ºs anos – do turno matutino de quatro escolas, duas da região central e duas da região leste de Goiânia. Eles possuem entre 14 e 24 anos, sendo que 100 (cem) são do sexo masculino e 115 (cento e quinze) do sexo feminino. Os questionários foram aplicados nas próprias salas de aulas, nas aulas de filosofia.

Quanto aos professores, quatro, ao todo, responderam aos nossos questionários, sendo que dois eram do sexo feminino e dois do sexo masculino. Os questionários aplicados a eles continham 16 (dezesesseis) questões abertas e 1 (uma) questão fechada (de múltipla escolha). A aplicação destes questionários teve como finalidade identificar o perfil formativo do professor de filosofia que atua hoje na rede estadual de Goiás, assim como levantar informações pertinentes às condições de ensino da filosofia existentes neste nível de ensino.

Na realidade o que buscamos privilegiar com a aplicação destes questionários foram os seguintes aspectos: a questão curricular, da metodologia, dos conteúdos, e questões de cunho didático-pedagógicas. Contudo, a questão que norteará esta discussão é tão somente a que diz respeito à metodologia utilizada pelo professor.

Resultados e Discussão

Ao todo, duzentos e quinze (215) alunos responderam aos questionários que continham 11 (onze) questões abertas; o que lhes permitiu expressar suas opiniões e refletir um pouco mais sobre as questões relativas à filosofia dentro do espaço escolar e mais especificamente sobre as metodologias utilizadas pelos seus professores. Destes 215 alunos, todavia, apenas 183 responderam à questão de nosso interesse, os demais optaram por deixá-la em branco. Destas 183 respostas obtidas, 37,71% não puderam ser aproveitadas devido ao seu caráter evasivo, o que nos impossibilitou de fazer uma análise acurada da visão que estes alunos tinham da metodologia utilizada pelos professores.

De fato, muitas destas respostas buscavam expressar ora a competência do professor, ora sua paciência, bem como outros atributos, mas sempre de forma muito genérica. Como estes atributos não dizem respeito, a nosso ver, ao processo metodológico propriamente dito, embora reconheçamos que sejam características importantes e também necessárias, eles acabam não contemplando nosso objeto de estudo, e, por esta razão optamos por não utilizar as respostas relativas a eles em nossa análise.

O alto índice de não aproveitamento de respostas advindas de questão abertas nos relevou que, embora o uso de questionários dessa natureza proporcione certa flexibilidade, ao permitir que o sujeito pesquisado tenha liberdade para desenvolver suas respostas segundo direção que considere adequada, ele pode, por outro lado, facilitar o desvio da linha de raciocínio que nós pesquisadores esperávamos alcançar. Isto porque o sujeito da pesquisa pode, e de fato o fez, interpretar as questões de forma diversa da pretendida por nós, privilegiando assim apenas aspectos subjetivos e periféricos, oriundos muitas vezes de suas vivências, deixando de lado, por sua vez, o foco central de cada uma das questões.

Quanto aos questionários que puderam ser aproveitados, verificamos que 42,08% dos alunos entrevistados revelaram que a metodologia utilizada pelo professor se reduz, na maioria das vezes, à 'leitura de textos/apostilas' seguida de 'explicações' e resolução de 'exercícios de fixação'. Se levarmos em consideração que toda metodologia utilizada por um professor contém elementos incorporados ainda na formação e que esta formação, no caso do professor de filosofia, em tese, deveria ser capaz de proporcionar a habilidade de enfrentar com sucesso os desafios e as dificuldades inerentes à tarefa de provocar nos jovens o interesse pela reflexão filosófica. Bem como permitir ao aluno do ensino médio entre em contato com o legado da tradição e o gesto pelo pensamento inovador, crítico e independente, verificaremos que as práticas reveladas pelos alunos na nossa pesquisa, não apontam nessa direção.

O que foi possível verificar, ao contrário, foi que as constatações feitas por Silveira em sua dissertação de Mestrado, ainda em 2005, prevalecem, a saber, que

A filosofia encontra-se em situação desconfortável na cultura brasileira atual quando inserida no currículo escolar. Pois neste contexto ela apresenta-se fruto de toda a sua tradição, como um ensino verbal, baseado em leituras, interpretação de textos e discussões (p. 22).

Prática esta que não consegue levar os estudantes a atingirem o esperado estado de inquietação e perplexidade, típico da atitude filosófica; não se revelando, portanto, capaz de levá-los a romperem com o senso-comum, com os pré-conceitos e com os pré-juízos, com os fatos e com as ideias da experiência cotidiana e com o estabelecido para, enfim, conseguirem se perguntar: o que são as coisas, as ideias, os atos, os comportamentos, os valores, nós mesmos e dar significação a estas interrogações, a partir de suas experiências (RODRIGO, 1987).

Ao analisarmos as respostas dos alunos, verificamos ainda que apenas 6,02% deles destacaram que aliada à utilização de 'explicações' são utilizados também, pelos professores, 'debates e discussões'. O que, a nosso ver, é um número pouco expressivo, especialmente se levarmos em consideração a natureza da filosofia, que não permite que esta se imponha como um saber pronto,

acabado, mas sim como uma busca incessante pelo saber, social e historicamente constituído que requer, inevitavelmente, debates constantes e reflexões profundas de todos os assuntos.

Um outro dado interessante destacado pelos alunos diz respeito à utilização de recursos como ‘incentivo, senso de humor, interatividade e descontração’ como suporte metodológico para o ensino da filosofia; aliados à utilização de ‘textos, explicações e resolução de exercícios’. No total 13,11% dos alunos destacaram este aspecto como sendo relevante e eficaz.

Embora tenhamos associado as respostas dos alunos de todas as escolas em categorias gerais, fizemos a associação por escolas, o que nos permitiu observar que a característica mencionada acima não faz parte do universo de alunos pesquisados, mas tão somente ao grupo de uma das escolas da região central de Goiânia, o que revela, a nosso ver, mais uma característica pessoal do que uma tendência relacionada com a formação deste professor.

Outro aspecto interessante e que merece ser destacado diz respeito à importância dada à ‘avaliação’ por parte dos alunos. Apenas 1,08% mencionaram sua utilização enquanto metodologia de ensino. Este mesmo percentual de alunos mencionou ainda a utilização de vídeos, filmes, laboratório de informática, seminários e pesquisas como metodologias utilizadas pelos seus professores.

Foi interessante observar, ao associarmos e avaliarmos o conjunto de respostas dadas pelos alunos, que existe uma tendência por parte dos professores – revelada nas ‘falas’ dos próprios alunos – em tratar o ensino da Filosofia como produto e não como processo. Lembrando que quando o ensino da Filosofia é tratado como produto, o que passa a ser privilegiado é a aquisição do que já está pronto, e quando se considera o processo, é o aprender a pensar que é privilegiado (SOUZA, 2004).

O resultado mostra uma distância entre as discussões do âmbito teórico e o que se dá na prática pelos professores de Filosofia em sala de aula. Autores (ASPIS E GALLO, 2009; CORTELLA, 2009; RODRIGO, 2009, SOFISTE, 2007) que discutem mais especificamente sobre a questão da metodologia do ensino da Filosofia, vêm privilegiando o processo, a formação do pensar, em que o “produto”, isto é, a história do pensamento filosófico é usada como um meio e não como um fim do ensino da Filosofia.

Ao avaliarmos as respostas dadas pelos professores, um de cada escola pesquisada, pudemos verificar que a metodologia de ensino mais utilizada pode ser assim especificada: a ‘aula expositiva’, seguida de ‘explicação’ e resolução de ‘exercícios de fixação’. O que coincide, por sua vez, com as respostas dadas pelos alunos. Apenas um dos quatro professores destacou que além desta metodologia, faz uso também do ‘laboratório de informática’, de ‘vídeos’ e ‘seminários’.

Outro dado bastante revelador é que um professor apenas apontou a necessidade e a importância do estabelecimento de um ‘ambiente discursivo’, ‘reflexivo’, aliado, à ‘atividades grupais’ e ‘de interação’, com vistas à ‘resolução de conflitos teóricos’ como recurso metodológico fundamental. A postura deste professor, especificamente, se aproxima consideravelmente do que Von Zuben (1992) defende. Para este autor, o ensino de filosofia distingue-se de qualquer outro tipo de ensino, por ser um ensino filosófico, exigindo, portanto, por parte do professor, a consciência da atitude filosófica. Sendo assim, o ‘objeto’ da ensinabilidade e da apropriação não deveria ser “(...) conteúdos expressos em doutrinas, teorias e sistemas consignados nas Histórias da Filosofia” (p. 8), mas sim a aquisição desta ‘atitude’. Todos os empecilhos citados pelos professores, ao descreverem suas metodologias de trabalho, empecilhos tais como falta de ‘recursos materiais’, ‘didáticos’ e ‘pedagógicos’, ‘salas de aulas lotadas’, ‘número de hora/aula insuficiente’ (uma hora/aula por semana, apenas), etc., dificultam, segundo eles, a superação do simples ‘transmitir conteúdos’, no sentido de criar a possibilidade de criação de novos saberes na sala de aula (Freire, 1997). O que demonstra, a nosso ver, que as determinações de contextos diversos, impedem de fato o professor de definir sua própria prática ou de sustentá-la tal como idealiza (SACRISTÁN, 1995).

Mas mesmo quando o professor se vê aparentemente ‘limitado’ pelo contexto no qual está inserido, necessário se faz, enquanto profissional, tomar para si a seguinte reflexão, o que é correto eu fazer: adaptar-me às condições e requisitos impostos pelos contextos preestabelecidos ou reagir por meio de uma perspectiva crítica, que me capacitaria a adotar decisões estratégicas inteligentes para intervir nestes contextos? Aí estaria, segundo SACRISTÁN (1995), o seu maior desafio.

E nessa perspectiva, seria fundamental que estes professores se conscientizassem que, mais importante do que o conteúdo em si é a postura que orientará suas práticas pedagógicas enquanto professores de filosofia no dia-a-dia da sala de aula. Para tanto, seria necessário, enfim, que houvesse uma ruptura com as concepções cristalizadas do senso comum, mostrando que a Filosofia começa com a problematização daquilo que parece óbvio no mundo cotidiano. Mais do que ensinar um conteúdo, ele deveria estar disposto cotidianamente e preparado para instaurar uma postura filosófica que comece por duvidar que a realidade seja um dado, instaurar um trabalho docente calcado numa concepção que enfatiza a Filosofia como reflexão, descartando o eixo metodológico histórico e tradicional como um fim em si mesmo.

Conclusões

Verificamos, pois, que a análise da metodologia utilizada pelos professores de filosofia, sob o ponto de vista dos alunos e próprios professores, aponta para a necessidade de uma discussão mais aprofundada sobre as especificidades do ensino da Filosofia no nível médio dentro e fora do espaço escolar, uma vez que se mostrou evidente a dificuldade dos professores em superar o método tradicional de ensino, “muito provavelmente aprendido na graduação (por meio inclusive dos exemplos dos professores)” (SILVEIRA, p. 155, 2005). Assim acreditamos que “Hoje, mais do que nunca, é necessário criar espaços de reflexão em relação ao ensino de filosofia, a fim de constatar as deficiências com relação a essa disciplina e discutir a identidade dessa na escola básica, criando alternativas para o seu ensino” (RIBAS, MELLER E GONÇALVES, 2004, p. 180).

Isso porque se as condições de ensino da filosofia na educação básica não forem satisfatórias, haverá a possibilidade de os seus objetivos, enquanto disciplina, serem inviabilizados. Daí a importância e mesmo a necessidade de se examinar continuamente estas condições com vistas a promover uma reflexão conjunta e, se for o caso, propor ações que venham a promover a melhoria das condições do ensino da filosofia na educação média no Estado de Goiás.

Referências

- ASPIS, Renata Lima; GALLO, Silvio. *Ensinar filosofia – um livro para professores*. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, 23 de dezembro de 1996, p. 27849.
- BRASIL, Câmara de Educação Superior. Resolução Cne/Ces Nº 12. *Estabelece Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Filosofia* (Parecer CNE/CES nº 492 DE 2001) Brasília, DF: MEC/CNE, de 13 de março de 2002.
- CORRELLA, Mario Sergio. *Filosofia e Ensino Médio*. Certos porquês, alguns senões, uma proposta. Petrópolis: Ed. Vozes, 2009
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- PCNs - <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>
- KOHAN, W.O. *Ensino de filosofia – perspectivas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- RODRIGO, Lídia Maria. *Filosofia em sala de aula – teoria e prática para o ensino médio*. Campinas: Autores Associados, 2009.
- MUCHAIL, Salma T. (org.). *A Filosofia e seu Ensino*. Petrópolis, São Paulo: Vozes/ EDUC, 1995.
- PIOVESAN, Américo (et. al.). *Filosofia e ensino em debate*. Ijuí: Unijuí, 2002.
- RIBAS, M. A. C.; MELLER, M. C.; e GONÇALVES, R. Repensar da filosofia no ensino Médio. In: CÂNDIDO, C.; CARBONARA, V. (Orgs.). *Filosofia e Ensino – um diálogo interdisciplinar*. Rio Grande do Sul: Editora UNIJUÍ, 2004.
- RODRIGO, Lidia Maria. Da ausência à presença da Filosofia: o desafio da iniciação à reflexão filosófica. In: *Educação & Filosofia*. Uberlândia/MG. Vol. 1, janeiro/junho de 1987, nº 2, p. 91-94.
- _____. *Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio*. Campinas: Autores Associados, 2009.
- SACRISTÁN, J. G. Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores. Em: NÓVOA, A. (org.). *Profissão Professor*. Porto, Porto Editora, 1995.

SILVEIRA, Paulo Ricardo Tavares da. *Saberes do Professor de Filosofia no Nível Médio*. Dissertação de Mestrado, UFSM, 01/07/2005.

SOFISTE, Juarez Gomes. *Sócrates e o ensino da filosofia*. Investigação dialógica, uma pedagogia para a docência de filosofia. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007.

SOUZA, Sonia M. Ribeiro de. A filosofia no Ensino Médio: uma (re) leitura a partir dos PCNs. In: GALLO, Sílvio; DANELON, Márcio; CORNELLI, Gabriele. *Ensino de Filosofia – teoria e prática*. Ijuí: Unijuí, 2004, p.161-181.

VON ZUBEN. *Filosofia e Educação: Atitude Filosófica e a Questão do apropriar-se do Filosofar*. São Paulo. Pró-Posições. Unicamp. Vol. 03. 2(8). Julho, 1992.